

## PADRÃO SILÁBICO DA LÍNGUA UMUTINA

Mônica Cidele da Cruz <sup>1</sup>

**Período de recebimento dos textos:** 01/02/2014 a 30/03/2014.

**Data de aceite:** 30/04/2014.

**Resumo:** Nesse artigo, apresentamos uma breve descrição da estrutura silábica da língua Umutina, a partir do seguinte *corpus*: “Vocabulário dos Índios Umutina” (SCHULTZ, 1952), uma lista de palavras constante em “Los Umotinas em Matto Grosso” (SCHMIDT, 1941), além de palavras colhidas durante uma pesquisa de campo na aldeia Umutina em janeiro de 2010. Consideramos, também, como referência para esta análise, a dissertação de mestrado “A língua Umutina: um sopro de vida”, de Telles (1995). Sob a perspectiva teórica da Fonologia autosegmental, identificamos V, CV, CCV, CVC e VC, como padrão silábico da língua.

**Palavras-chave:** língua Umutina, padrão silábico, fonologia não-linear.

**Abstract:** In this article, we will present a brief description of the syllabic structure of “Umutina” language, from the following corpus, “Vocabulary of the Umutina Indians” (Schultz, 1952), a roll of words present in “Los Umotinas em Mato Grosso” (Schmidt, 1941), besides the words collected during the field research in the Umutina’s Village in January 2010. We also considered, as a reference for this analysis, the term paper/dissertation of master’s degree “Umutina language, a life breath/breeze”, by Telles (1995). Under the theoretical perspective of auto-segmental phonology, we have identified V, CV, CCV, CVC and VC, as a syllabic pattern of the language.

**Keywords:** Umutina language, syllabic pattern, nonlinear phonology.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística e professora do curso de Letras da Unemat- Campus Universitário de Tangará da Serra-MT

## Introdução

A língua Umutina faz parte do tronco Macro-Jê e pertence à família linguística Boróro, porém, já não é mais falada pelo seu povo que são monolíngues em português. Atualmente, os últimos remanescentes Umutina vivem na terra indígena localizada entre os rios Bugres e Paraguai no estado de Mato Grosso, a 15 km da cidade de Barra do Bugres-MT. Na comunidade vivem cerca de 450 índios de diversas etnias, como: Paresí, Boróro, Nambikwara, Terena, Irantxe e Bakairi. Dentre os últimos remanescentes Umutina, encontra-se o senhor Joaquim Kupodonepá de 73 anos, um dos únicos “lembrantes” da língua materna.

Para este estudo, baseamo-nos na dissertação de mestrado, “Língua Umutina: um sopro de vida”, (1995) de Stella Telles, único trabalho descritivo sobre a língua Umutina atualmente disponível. Nele a autora apresenta uma breve descrição da fonologia e de alguns aspectos morfológicos da língua.

Portanto, é com base neste trabalho, numa lista de palavras extraída do vocabulário de Schultz e de um conjunto de palavras coletado junto ao índio Umutina, senhor Joaquim Kupodonepá que desenvolvemos esse estudo sobre a estrutura silábica da língua Umutina.

A língua Umutina encontra-se no rol das línguas indígenas consideradas extintas no Brasil. Chestmir Lukotka foi o primeiro linguista a apontar o parentesco entre as duas línguas, a partir dos dados linguísticos coletados em 1928 por Max Schmidt entre o povo Umutina. Posteriormente, esse parentesco ficou confirmado nos estudos comparativos do linguista Aryon Rodrigues, que teve por base “O vocabulário dos índios Umutina” (1952), coletado por Schultz no período de 1943 a 1945, quando realizava pesquisa etnográfica entre estes índios e o material publicado por Colbacchini e Albisetti (1942), denominado “Os Boróros orientais”.

Em 2007 foi publicado um texto de Rodrigues, “O Parentesco Genético das Línguas Umutina e Boróro” em que o autor apresenta uma revisão do estudo comparativo anterior, incluindo novos trabalhos, como a “Enciclopédia Boróro”, de Albisetti e Venturelli (1962, 1969 e 1976), uma tese de doutorado não publicada, *Grammar of Boróro*, Crowell (1979), o “Pequeno dicionário Boróro-Português”, Ochôa, (1997) e a dissertação de mestrado, “A língua Umutina: “um sopro de vida”, Telles (1995). Segundo Rodrigues (2007), a revisão dos dados comparados apontou correspondência fonética e semântica entre as duas línguas e, as palavras que nomeiam os elementos da natureza, partes do corpo humano, plantas, qualidades, estados e ações mais comuns, são as que mais evidenciam o parentesco genético entre as duas línguas.

Por se tratar, então, de uma língua que já não possui mais falantes ativos, e da escassez de dados linguísticos, neste estudo apresentamos uma breve descrição da estrutura silábica da língua, a partir das seguintes materiais já publicados: “Vocabulário dos Índios Umutina” (Schultz, 1952), uma lista de palavras constante em “Los Umotinas em Matto Grosso” (Schmidt, 1941), além de palavras colhidas durante uma pesquisa de campo na aldeia em janeiro de 2010.

Será considerada, também, como referência para esta análise, a dissertação de mestrado “A língua Umutina: um sopro de vida”, de Teles (1995), que tratou da descrição prévia da fonologia e alguns aspectos da morfologia dessa língua. Vale ressaltar que, embora Telles (1995) já tenha identificado como padrões silábicos da língua a ordem V, CV, CCV, CVC e VC, o objetivo de nosso trabalho é reforçar esses dados já apontados pela autora ou, até mesmo, acrescentar novas informações ao estudo já existente, tendo em vista, como já foi dito anteriormente, à limitação dos dados, por se tratar de uma língua que já não é mais falada.

Para este estudo, tomamos como base os pressupostos da fonologia autosssegmental, cujos modelos não lineares consideram a fonologia como uma organização hierárquica entre os traços que compõem determinado segmento da língua. Esses traços tanto podem funcionar isoladamente, como podem funcionar como um conjunto solidário.

### Fonemas da língua Umutina

Seguem abaixo os fonemas consonantais e vocálicos da língua Umutina apresentados na dissertação de mestrado de Telles (1995). De acordo com a autora, a língua apresenta 10 fonemas consonantais e 8 segmentos vocálicos. No quadro que segue, os fonemas /ʃ/, /j/ e /y/ foram adaptados à fonte IPA.

**Quadro I – Fonemas Consonantais (TELLES, 1995)**

Ponto Modo	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar
Oclusivo	p b	T		k
Fricativo		Z	ʃ ç	
Nasal	m	N		
Vibrante		R		
Lateral		L		
Semivogal	w		j	

Dos oito segmentos vocálicos, temos três são vogais altas, duas médias e três baixas:

**Quadro II – Fonemas vocálicos (TELLES, 1995)**

Alto	i	ɨ	u
Médio	e		o
Baixo	ɛ	a	ɔ

## Estrutura silábica da língua Umutina

Quanto aos padrões silábicos da língua, foram registrados por Telles(1995) os seguintes:  $(C_2)(C_1)V(C_3)$ . Assim descreve a autora:

A posição  $C_1$  pode ser ocupada por qualquer consoante ou semivogal, e a posição  $C_2$  tem ocupação restrita por consoante canônica seguida de ditongo crescente. Na posição  $C_3$  apenas se verifica a realização condicionada das duas semivogais, funcionalmente consoantes na língua. Identificou-se, também, que, como não há tritongo no Umutina, a ocorrência das semivogais no acento e declive silábicos estão em distribuição complementar, não podendo ambas ocorrerem em uma mesma sílaba. Assim, como somente semivogal trava sílaba, o padrão CVC apenas é possível quando a primeira posição consonantal é ocupada por uma consoante canônica. Em Umutina, todas as possibilidades de realizações das sílabas fonéticas confirmam como sílabas fonêmicas. (TELLES, 1995, p.59)

Abaixo seguem alguns dados extraídos do trabalho de Telles (1995) para ilustrar os subtipos descritos por ela:

- |       |                             |  |           |
|-------|-----------------------------|--|-----------|
| (1)   |                             |  |           |
| (a)   | <b>V</b>                    |  |           |
| (188) | /u/                         |  | ‘timbó’   |
| (b)   | <b><math>C_1V</math></b>    |  |           |
| (195) | /ma.la.tu/                  |  | ‘urubu’   |
| (c)   | <b><math>C_2C_1V</math></b> |  |           |
| (207) | /mye/                       |  | ‘formiga’ |
| (d)   | <b><math>C_1VC_3</math></b> |  |           |
| (212) | /moy.ku/                    |  | ‘corda’   |
| (e)   | <b>VC</b>                   |  |           |
| (218) | /ay.ko/                     |  | ‘onça’    |

De acordo com a autora, constatou-se o seguinte: Somente a vogal /i/ não ocorreu formando sílaba sozinha;  $C_1V$  é o padrão mais produtivo da língua; no padrão  $C_2C_1V$ , as consoantes  $C_2$  que ocorrem são duas oclusivas, p e k, a fricativa j, a vibrante r e a nasal m; em  $C_1VC_3$ , as consoantes /l/, lateral

alveolar, e /ʃ/,fricativa palatal surdanão ocupam a posição C<sub>1</sub>. A grande ocorrência das consoantes neste ambiente leva a crer que esta exceção deve-se mais a limites impostos pelos dados do que a condicionamentos fonológicos e VC define-se como o padrão menos produtivo da língua.

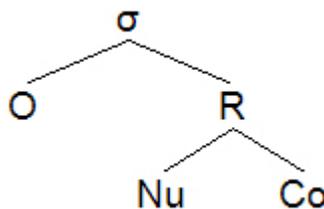
Com base, então, no trabalho anterior de Telles(1995) e em novos dados da língua coletados por essa pesquisadora, passamos a uma releitura da estrutura da sílaba em Umutina, considerando os aportes teóricos da fonologia não linear, por considerá-la como base mais adequada para o estudo da sílaba.É importante ressaltar que é a partir dos estudos da teoria Autossegmental, lançada por Goldsmith (1979), que a sílaba, considerada como uma unidade fonológica, não regula somente a combinação dos segmentos, ela passa a controlar, também, a combinação dos traços que formam um determinado segmento. Desse modo,os segmentos passam a ser considerados não somente um conjunto desorganizado de traços, masum conjunto que possui uma estrutura interna organizada hierarquicamente.

### **Conceito de sílaba na teoria não linear (autossegmental)**

Para as teorias fonológicas não lineares a sílaba é um componente fonológico formado por várias camadas nas quais os segmentos organizam-se linearmente, porém obedecem a uma estrutura hierárquica. Portanto, no processo de organização da sílaba temos: a formação do núcleo, a formação do *onset*(opcional) e a formação da *rima*(obrigatório), que pode ser subdividido em núcleo (obrigatório) e em *coda*, que por sua vez é opcional.Uma sílaba pode ser representada pelo *onset*que contém até duas consoantes, e pela *rima* que pode ser preenchido por vogais e consoantes.Esse modelo básico da estrutura da sílaba, baseado nos pressupostos da teoria autossegmental, ajuda-nos a explicar a formação e a estrutura interna das sílabas de línguas naturais,

porque levam em consideração as particularidades de cada língua, de acordo com as propriedades fonéticas e fonológicas dos seus segmentos.

Abaixo apresentamos o gráfico arbóreo do Modelo Binário com Rima, com a estrutura básica da sílaba. Esse modelo é baseado em Pike e Pike (1947); Kurylowicz (1948); Fudge (1969); Selkirk (1982.) e Blevins (1998)



Pelo diagrama acima, entendemos que uma sílaba consiste em um ataque (A), e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu), e em uma coda (Co). Qualquer categoria, exceto o Núcleo, pode ser vazia.

Lembramos que, para o reconhecimento dos padrões silábicos, identificamos primeiro o preenchimento do núcleo silábico (V), em seguida, a posição de ataque (*onset*) e depois o preenchimento da posição da coda.

### A estrutura silábica em Umutina

Antes de procedermos à nossa releitura, apresentamos a análise de Telles (1995) que assim resumiu o padrão silábico da língua: (C<sub>2</sub>)(C<sub>1</sub>)V(C<sub>3</sub>). Quanto à posição C<sub>1</sub>, pode ser ocupada por qualquer consoante ou semivogal; C<sub>2</sub> tem ocupação restrita por consoante canônica, seguida de ditongo crescente e a posição C<sub>3</sub> é ocupada por duas semivogais, funcionalmente, consoantes na língua.

Num primeiro momento, também identificamos cinco tipos silábicos, a saber: V, CV, CCV, CVC e VC.

- (2) **V**
- |              |                     |
|--------------|---------------------|
| [o.ze]       | ‘dourado’ V. CV     |
| [a.ri.ka.bo] | ‘cão’ V. CV. CV. CV |
| [i.ki.ka.na] | ‘boi’ V. CV. CV. CV |
| [u.po]       | ‘joelho’ V. CV      |
| [u]          | ‘timbó’ V           |
- (3) **CV**
- |                         |                             |
|-------------------------|-----------------------------|
| [ʒu.lo]                 | ‘jataí’ CV.CV               |
| [za.ru.to]              | ‘bagre’ CV. CV. CV          |
| [ba.la.ru.ku.po]        | ‘batata’ CV. CV. CV. CV. CV |
| [po.ri.ko.po]           | ‘panela’ CV. CV. CV. CV     |
| [e.ru.k <sup>w</sup> a] | ‘língua’ V. CV. CV          |
- (4) **CCV**
- |           |                 |
|-----------|-----------------|
| [i'. pwe] | ‘eu vou’ V. CCV |
| [‘bwe.nɔ] | ‘chuva’ CCV. CV |
| [‘bja]    | ‘orelha’ CCV    |
- (5) **CVC**
- |          |                     |
|----------|---------------------|
| [boj.na] | ‘chuva’ CVC. CV     |
| [zej.ki] | ‘canoa’ CVC. CV     |
| [‘i.pew] | ‘eu molhado’ V. CVC |
- (6) **VC**
- |                             |                                     |
|-----------------------------|-------------------------------------|
| [oj.ba]                     | ‘capivara’ VC. CV                   |
| [aj.ku.ri]                  | ‘bom dia’ VC. CV. CV                |
| [aj.ʒo.ru.k <sup>w</sup> a] | ‘marmelada espinho’ VC. CV. CV. CCV |

A partir dos subtipos acima, podemos afirmar que a língua Umutina apresenta sílabas formadas apenas por: (V), (CV), (CCV), (CVC) e por (VC).

### A posição de ataque

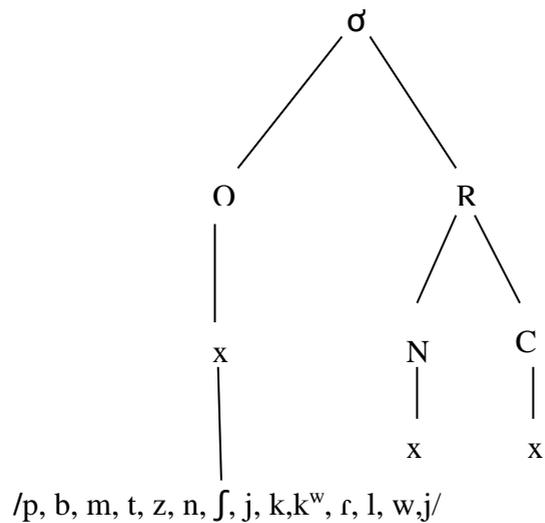
Vejam na representação a seguir, a estrutura do *onset* da sílaba em Umutina, ressaltando, porém, que devido à limitação de dados, não podemos

afirmar com convicção se todos os fonemas da língua ocupam a posição de *onset*.

O ataque pode ser preenchido por um elemento (ataque simples) e por dois elementos (ataque complexo). Quanto ao ataque simples, pode ocorrer tanto em posição inicial quanto em posição medial. Na língua Umutina não encontramos sílabas preenchidas por dois elementos (ataque complexo).

Segmento	Posição inicial	Posição medial	Glosa	
/p/	/p <b>u</b> r <del>u</del> kwa/	/a <b>l</b> ap <del>o</del> rɛ/	‘água’	‘arara’
/b/	/b <b>a</b> r <del>u</del> kwa/	/z <b>i</b> biki/	‘abano’	‘furtar’
/m/	/m <b>i</b> t <del>u</del> /	/a <b>m</b> ita/	‘pomba’	‘vestido’
/t/	/t <b>a</b> p <del>u</del> /	/k <b>u</b> ru <b>t</b> u/	‘quati’	‘pendente’
/z/	/z <b>a</b> r <del>u</del> to/	/o <b>z</b> a/	‘bagre’	‘boca’
/n/	/n <b>o</b> i/	/a <b>m</b> enu/	‘babaçu’	‘caminhar’
/ʃ/	/ʃ <b>o</b> pɔ/	/a <b>r</b> iki <b>ʃ</b> i/	‘Rio Bugres’	‘olhar’
/ʒ/	/ʒ <b>u</b> rɛ/	/i <b>ʒ</b> ela/	‘sucuri’	‘minha mão’
/k/	/k <b>u</b> rika/	/b <b>i</b> rika/	‘pequeno’	‘pele’
/k <sup>w</sup> /	-	/e <b>r</b> uk <sup>w</sup> a/	-	‘língua’
/r/	-	/p <b>u</b> pur <b>i</b> na/	-	‘esteira de palha’
/r/ [h]	/r <b>u</b> me/	-	‘mutum’	-
/l/	/l <b>a</b> ka/	/a <b>t</b> alo/	‘osso’	‘facão’
/w/	/w <b>a</b> ri <b>p</b> o/	/k <b>e</b> wa/	‘piauí’	‘não’
/j/ [y]	/j <b>o</b> ko/	/b <b>o</b> ju/	‘avô’	‘broto’

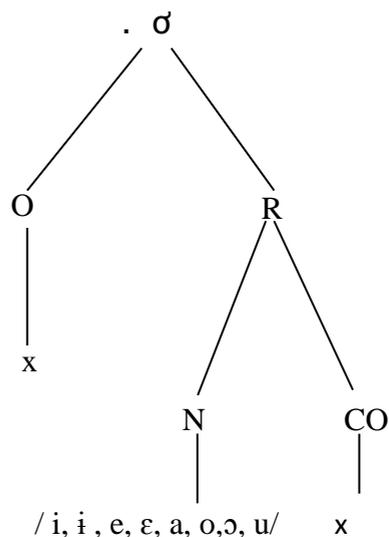
Com base no quadro apresentado, podemos representar o preenchimento do onset simples do seguinte modo:



### A rima

#### O núcleo da sílaba

Na língua Umutina, o núcleo da sílaba é ocupado somente por vogais orais uma vez que esta língua não apresenta vogais nasais. No esquema abaixo, a estrutura silábica da língua em relação à posição de núcleo:



A seguir, exemplos da estrutura da sílaba quanto à posição de núcleo:

(7)

(a)	/emɔni'ʃɔ/	‘ajudar’
(b)	/atipiti'ti	‘veado’
(c)	/mena'ku/	‘breu’
(d)	/ala'rɛ/	‘casar’
(e)	/ome'na/	‘cauda’
(f)	/pɔ'ka/	‘cuia’
(g)	/ɔko'pɔ/	‘dente’
(h)	/u'puru/	‘corpo humano’

### Uma segundahipótese...

Embora tenhamos dados que ilustram o tipo silábico CVC, eles podem sugerir outra interpretação: ao invés das aproximantes /w/ e /j/, teríamos as vogais altas /u/ e /i/, respectivamente, formando um núcleo silábico complexo, o que possibilitaria os tipos silábicos: CVV e VV, como podemos observar nos exemplos abaixo:

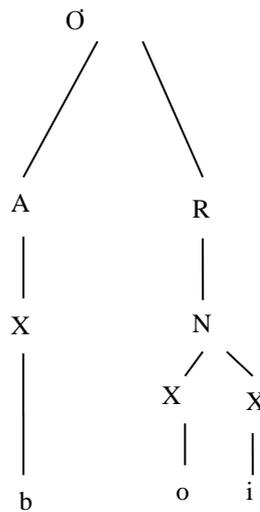
(8) CVV

[ <b>boi</b> .ka]	‘arco’
[ai.ʒi. <b>pou</b> .ʃi.pa]	‘águia’

(9) VV

[ <b>oi</b> .ba]	‘capivara’
[ba. <b>io</b> ]	‘aranha’
[ <b>ai</b> .ku.ri]	‘bom dia’

A partir dos tipos acima, teríamos o seguinte esquema:



### Considerações finais

O objetivo do nosso trabalho foi apresentar, apoiados no trabalho anterior da pesquisadora Stella Telles e em outros trabalhos da área, uma releitura da estrutura silábica da língua Umutina.

Ressaltamos que, embora os nossos dados sejam limitados, identificamos cinco subtipos silábicos: V, CV, CCV, CVC e VC. Com isso, podemos afirmar que a língua Umutina apresenta sílabas formadas apenas por *Núcleo* (V) e por *Onset* e *Núcleo* (CV).

Quanto à posição de *Onset* ou *Ataque* pode ocorrer tanto em posição inicial quanto em posição medial, preenchido apenas por um elemento (*Onset* simples). Não encontramos na língua sílabas preenchidas por dois elementos (ataque complexo), embora tenhamos assinalado, superficialmente, uma possível realização dessa sílaba.

Na língua Umutina, o núcleo da sílaba pode ser preenchido apenas por vogais orais tendo em vista que ela não possui vogais nasais.

Outra questão a se destacar nesse trabalho é o caso dos segmentos [w] e [j], considerados como fonemas consonantais em outro trabalho anterior. Embora tenhamos dados que ilustram o tipo silábico CVC, eles podem sugerir outra interpretação: ao invés das aproximantes /w/ e /j/, teríamos as

vogais altas /u/ e /i/, respectivamente, formando um núcleo silábico complexo, o que possibilitaria os tipos silábicos: CVV e VV.

Entretanto, devido à limitação de dados, não pudemos realizar uma análise mais definitiva dessa questão. Portanto, optamos nesse trabalho pela primeira hipótese levantada: considerarmos as aproximantes /w/ e /j/ como segmentos consonantais como parte do quadro fonológico da língua que se realizam foneticamente como /u/ e /i/, tal como considerou Telles (1995), em sua dissertação de Mestrado intitulada “A língua Umutina: um sopro de vida”.

### **Referências**

BIONDO, D. **O estudo da sílaba na fonologia auto-segmental**. Revista de Estudos Linguísticos. Belo Horizonte. v.2, p.37-51. 1993

BLEVINS, J. **The syllable in Phonological Theory**. In: J. Goldsmith (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell. p. 207-243. 1995.

CAGLIARI, LC. **Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras. 2002.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. **Internal organization of Speech Sounds**. In: Goldsmith, J. A. (Org.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996. p. 245-306.

TELLES, S. V. **Língua Umutina: um sopro de vida**. Dissertação de Mestrado. UFPE: Brasil, 1995.